APRESENTAÇÃO

O número 7 da revista Entropia mantém sua política de valorização de publicação de jovens pesquisadores e pesquisadoras brasileiros e latinos americanas.

Nesse número 7, teremos uma vasta gama de artigos focados nas relações entre os movimentos sociais e o trabalho, apresentando as experiências alternativas construídas pelos movimentos sociais para superação de seus problemas cotidianos.

Sergio Baptista nos apresente um debate sobre o reconhecimento e sua vinculação às lutas contra os preconceitos e integração na sociedade. Usando Nancy Fraser como referencial teórico, o autor apresenta como se daria a unificação dessas lutas com a por redistribuição visando a ruptura com as desigualdades sociais.

Taynara Araújo, analisa como a ditadura militar brasileira, reprimiu brutalmente as trabalhadoras de sexo no estado do Ceará. Tortura, estupros, prisão, foram algumas das estratégias para eliminar essas trabalhadoras dos locais tradicionais que frequentavam. Essas trabalhadoras foram acolhidas no seio da igreja católica que ligada à Teologia da Libertação, realizou, no âmbito das pastorais sociais o projeto Ninho Cearense ajudando e apoiando essas trabalhadoras.

Vivian Machado analisa o dissídio de 2018 dos bancários, o primeiro sob a égide da reforma trabalhista de 2017. Tendo como referência os impactos que a reforma trazia para os sindicatos e, o temor de que a anterior Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) perdesse sua validade sem que uma nova tivesse sido negociada, os bancários anteciparam as negociações no plano nacional e regional, conseguindo um acordo que preservou a totalidade de seus direitos sociais anteriormente acordados.

Roberta Celli Araújo apresenta em seu artigo um processo silencioso de agressão e assédio a jovens estudantes negros no meio acadêmico. Silencioso por não ser divulgado e abertamente contestado. Expressão do racismo brasileiro, contestando o ufanista discurso da democracia racial. A adoção de políticas de cotas nas universidades públicas afetou a crença de ser esta, um espaço privilegiado de brancos de classe média e da elite. O choque cultural com o ingresso de negros e negras da periferia resultou no avanço da violência contra os alunos.

O ano de 2016 assistiu ao avanço da luta de estudantes em defesa da escola pública. Construindo novas formas de ação, os estudantes assumiram a ocupação das escolas como estratégia de luta. Angela Corso, em seu artigo analisa o

movimento Ocupa Paraná que foi importante ator no processo de ocupação das escolas estaduais. Sua pesquisa buscou apresentar as razões da participação de jovens no movimento, o que determinou sua constituição e como o interior do estado ingressou na luta.

Sintia Helpes apresenta sua pesquisa construída a partir de entrevistas com dez mulheres egressas do sistema prisional de Minas Gerais. Analisando a realidade dessas mulheres antes, durante e depois da prisão, ela aponta que estas mulheres se encontravam em situação de vulnerabilidade social e precarizadas no trabalho. Condição que se manteve após a saída da prisão. Diante disso, essas mulheres não encontram condições para sua efetiva reinserção na sociedade construindo em torno de si uma contínua permanência numa subalternidade social.

Renata Moraes apresenta instigante ensaio sobre a forma de organização dos trabalhadores livres e escravos no Rio de Janeiro após 1870. A criação das associações mutualistas, jornais de trabalhadores, a reação do Império com a elaboração de uma legislação criminal objetivando a garantia da ordem escravocrata em meio ao avanço do trabalho livre. O Rio de Janeiro como sede do Império e espaço de renovação e propagação de uma cultura letrada, se torna para a autora, o lócus das contradições na sociedade brasileira nas últimas décadas do século XIX.

No seu texto, Rosilene Jesus analisa os casos de violência contra a mulher enquanto expressões da questão social apresentadas nos episódios do Programa *Cidade Alerta*. Sua pesquisa assinala que a sociedade brasileira ainda vivencia uma realidade de base patriarcal, na qual a violência contra a mulher é naturalizada na mídia televisiva e espetacularizada. Com isso, as ocorrências de violência, encobrem as origens históricas fundamentadas no sistema estrutural da sociedade brasileira.

Tania Mittelman e Fernando Vieira analisam a atuação e a estrutura sindical do Sindicato de Professores do Município do Rio de Janeiro e região (SINPRO-RIO). Além disso, procuram identificar os efeitos da reforma trabalhista sobre esta entidade. Para isso, tomam-se por referência três marcos da história do país, a saber, o processo da redemocratização, na década de 1980, a adoção do receituário neoliberal, nos anos de 1990, e a recente reforma trabalhista.

Por fim apresentamos uma entrevista com o professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do rio de Janeiro (UFRJ), Guilherme Castelo Branco. Na entrevista, Guilherme Castelo Branco vai debater, tendo Foucault e seu conceito de biopoder como referência, a realidade brasileira diante da pandemia do COVID-19.

Acreditamos que nossos leitores aproveitarão a pluralidade de temáticas apresentadas na edição nº 7. Boa leitura.